

A última flor de abril

Alexandre Azevedo * Carlos Augusto Segato

ILUSTRAÇÕES DE Eldes



Conforme a nova ortografia
1ª edição

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Alexandre Azevedo &
Carlos Augusto Segato, 2012

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA
Editora-assistente: KANDY SGARBI SARAIVA
Coordenação e produção editorial: TODOTIPO EDITORIAL
Preparação de texto: LEONARDO ORTIZ e CRISTINA YAMAZAKI
Auxiliar de serviços editoriais: FLÁVIA ZAMBON
Estagiária: GABRIELA DAMICO ZARANTONELLO
Suplemento de atividades: MARA DIAS
Revisão: BÁRBARA PRINCE e RAÍSSA NUNES COSTA
Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC
Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS
Projeto gráfico e capa: LEONARDO ORTIZ
Impressão e acabamento:

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Azevedo, Alexandre

A última flor de abril / Alexandre Azevedo & Carlos Augusto Segato; ilustrações de Eldes de Paula Oliveira— 1. ed. — São Paulo: Saraiva, 2012. (Coleção Jabuti).

ISBN 978-85-02-17199-2

1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Segato, Carlos Augusto. II. Oliveira, Eldes de Paula. III. Título. IV. Série.

12-05450

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

5ª tiragem, 2016

Saraiva Educação Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Saraiva Educação Ltda.

202421.001.005

Sumário

Parte I

A rua Durão, **9** | Inferno na torre, **11** | O combate que entrou para a história, **13** | Orozimba, **16** | Dia seguinte, **21** | Uma terra proibida, **23** | Seu Quem-Quem, **24** | O portuga, **26**
Desafiando o perigo, **30**

Parte II

Enquanto a bola rolava outra vez, **37** | Era uma vez um jardim, **39**
A rua em polvorosa, **40** | Surge um plano, **43** | A prisão subterrânea, **48** | Voltando ao casarão, **52** | O vigia noturno, **55**

Parte III

O outro lado da passagem, **61** | Dentro do cativeiro, **62**
O delegado Rui Macedo, **67** | Em busca do delegado, **70**
O encontro, **73** | Enquanto isso, no cativeiro..., **75** | Rebuliço no antro, **79** | A prisão, **81** | Um certo senhor Éverton, **83**
O tira-teima, **88** | E assim chegou abril, **90**

Parte

I

A rua Durão

Era um beco com quinze ou vinte casinhas e terminava numa velha mansão protegida por um muro caiado. Foi entre aquelas fachadas desbotadas que tudo aconteceu. Naquele tempo não havia internet nem *video games*, e as brincadeiras aconteciam na rua mesmo, onde a molecada se reunia para jogar bola ou rodar pião.

À frente das casas erguiam-se castanheiras recheadas e flamboaiãs altivos, que jogavam ramos cheios de franjas sobre os muros. Apesar de tranquilo, o beco não ficava longe do centro da cidade.

Uma placa com letras verdes informava aos visitantes que se tratava de uma “rua sem saída”. Os moradores haviam tentado colocar um portão na entrada, como se ali pudesse ser um condomínio fechado, mas a prefeitura não concedeu a licença. Foi melhor. O lugar não levava mesmo jeito de propriedade particular. Ainda mais com aquele nome esquisito: rua Santa Rita Durão. Era lugar de moleques gritando, de bola correndo e sanhaços cantando.

O bom mesmo era que ao fundo, do lado direito, havia um terreno que um dia os meninos resolveram transformar em campinho de futebol.

Alguns moradores protestaram, principalmente o português da mansão, cujo muro fazia divisa com o terreno. Diziam que o campinho atrairia moleques de outras ruas, até de outros bairros.

– Vai acabar nosso sossego. A rua vai ficar infestada de moleques que a gente nem sabe de onde vêm! – Exaltava-se dona Carmela, uma das moradoras mais combativas.

Os meninos, no entanto, escolheram a estratégia de não entrar em confronto com os adultos. Fingiram que aceitavam a proibição. Mas no meio das tardes, quando os pais se distraíam ou se ausentavam, a bola de couro velho rolava na grama escassa entre um drible e um chute a gol, à sombra do casarão antigo.

Como não quebraram vidraças nem amassaram carros, os vizinhos foram aceitando as peladas aos poucos, inclusive dona

Carmela. E o terreno virou mesmo campinho. Só o sisudo português do casarão, que pouco aparecia na rua, é que não aceitava aqueles clássicos disputados ao lado do seu muro.



Aí alguém levantou a questão: afinal, quem era o dono daquele terreno? Até então ninguém havia se preocupado com isso. Quando o mais antigo morador havia se mudado, ele já estava ali. Fazia parte da rua e pronto.

– O jeito é ir até a prefeitura. Lá eles têm essa informação – disse o doutor Rogério, um advogado que morava na primeira casa do lado esquerdo.

No dia seguinte, ele mesmo conseguiu para os meninos a informação de que a propriedade pertencia a um senhor chamado Arnaldo de Mendonça, que morava num bairro chique do outro lado da cidade. Minutos depois, os garotos Edu, Pedrão e Celso tomaram um ônibus para aquele endereço.

Convencer o seu Arnaldo a permitir o uso do campinho foi mais fácil do que haviam pensado. Afinal, o terreno era uma herança de família e o proprietário ainda não tinha planos para ele. Pedrão, que era um dos mais velhos da turma, achou um argumento infalível:

– Ele vai ficar sempre limpo. Sem matagal, sem lixo, sem bichos nocivos...

Tudo acertado, os futuros atletas foram providenciar as traves e as redes. A essa altura, cada morador deu uma pequena contribuição. Sobrou até para comprar algumas bolas reservas. Depois, o Juca conseguiu a cal para fazer as marcações no campo.

O campinho então foi batizado como Arena Durão e inaugurado oficialmente com um jogo contra o time da rua Marechal Deodoro. A disputa acirrada terminou em empate: dois a dois. Fora o português do casarão, a rua estava em peso na torcida, naquela manhã de domingo. E foi aos céus quando, no último minuto, o Robério avançou pela meia-direita e fuzilou o canto esquerdo do gol inimigo para espantar a derrota, que parecia inevitável.

Isso evidenciava que a vizinhança já havia adotado o time, menos seu Miguel, o português, que continuava furando, implacável, todas as bolas que caíam no seu quintal.

Inferno na torre

Quase um ano depois da inauguração da Arena, um táxi encostou na frente de uma casa desocupada no centro da rua e dele saltaram três pessoas da mesma família.

Passados alguns minutos, chegou um caminhão de mudanças com placa de Minas Gerais. Da boleia, pelo lado oposto ao do motorista, um rapaz magro e alto saltou para a calçada. Quase deu de cara com Pedrão, que estava ali em busca de novidades.

– Saíram de Minas hoje cedo? – perguntou ao jovem forasteiro.

Outros garotos foram aparecendo. Edu e Celso vieram acompanhados de Aninha e Marina. O recém-chegado surpreendeu-se, e seus olhos claros brilharam com vivacidade:

– Foi – respondeu o menino. – Uai, mas como é que você sabe? Ah, a placa do caminhão...

As meninas se encantaram com o sorriso dele, ao contrário dos garotos, que ainda não haviam deixado de lado uma larga desconfiança. Pedrão riu e fez que não com a cabeça. Apontou para a camisa que o recém-chegado usava, do Atlético Mineiro, presente do padrinho que morava em Belo Horizonte. Pedrão era mais forte do que o mineiro, mas não era mais alto.

– Prazer, eu sou Zé Roberto – apresentou-se.

– Eu sou Pedro Lourenço. Mas pode me chamar de Pedrão. Rapaz, pela sua altura, você podia ser jogador de basquete.

Os dois tinham a mesma idade: treze anos. Ficaram amigos na mesma hora. Ainda mais depois da resposta de Zé Roberto, no acentuado sotaque mineiro:

– Nada, sô! Gosto é de futebol mesmo.